

Marga Minco

A ERVA ANLARGA

Tradução de
Maria Júlia Abreu de Souza

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M615e Minco, Marga, 1920
A erva amarga / Marga Minco; tradução de Maria Júlia
Abreu de Souza. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2018.

Tradução de: Het bittere kruid
ISBN 978-85-01-11305-4

1. Minco, Marga, 1920 – Narrativas pessoais. 2. Guerra
Mundial, 1939-1945 – Atrocidades. 3. Genocídio – Europa –
História – Séc. XX. 4. Massacres – Europa – História – Séc. XX.
5. Holocausto judeu (1939-1945). 6. Alemanha– História –
1933-1945. I. Souza, Maria Júlia Abreu de. II. Título.

17-46549

CDD: 920.99405318
CDU: 929:94(100)“1939/1945”

Título original:
HET BITTERE KRUID

Copyright © 1957 by Marga Minco
Publicado originalmente em 1957 por Uitgeverij Prometheus, Amsterdã.

Foto de capa: Hoge Sluisbrug, Amsterdam/ Cas Oorthuys/ Nederlands
Fotomuseum

Este livro foi publicado com o auxílio da Dutch Foundantion for Literature.

Nederlands
letterenfonds
dutch foundation
for literature

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte,
através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o
Brasil adquiridos pela
EDITORÁ RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-11305-4

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Passa pela minha cabeça
um trem cheio de judeus, eu desvio o
passado,
assim, como uma mudança de trilhos...

BERT VOETEN

Em memória dos meus pais,
Dave e Lotte,
Bettie e Hans

Sumário

Um dia	11
A avenida Klooster	17
As estrelas	21
O vidrinho	27
As fotos	33
Aconteceu	37
As canecas	41
O selo	47
A custódia	51
Em casa	55
No porão	59
<i>Shabat</i>	63
A menina	69
A rua Lepel	75
Os homens	79
A erva amarga	85
A separação	91
O cruzamento	97
A cama	103
O pião	109
A outra	113
Epílogo: O ponto	121
Glossário	127

Um dia

Começou num dia em que o meu pai disse: “Vamos ver se todo mundo já voltou.” Tínhamos passado alguns dias fora. Toda a cidade fora evacuada. Rapidamente havíamos arrumado uma mala e nos juntado às intermináveis fileiras de pessoas que partiam para a fronteira belga. Bettie e Dave estavam em Amsterdã.

— Eles nem vão saber disso — comentou a minha mãe.

Foi uma viagem longa e perigosa. Transportamos a mala numa bicicleta. No guidom penduramos as sacolas abarrotadas. Às vezes, estilhaços de bombas e balas de metralhadora zuniam acima das nossas cabeças. De vez em quando alguém era atingido e um pequeno grupo ficava para trás.

Perto da fronteira belga encontramos abrigo nas casas dos fazendeiros. Dois dias depois, vimos as tropas de ocupação circulando pelas estradas, e algumas horas mais tarde as pessoas que foram evacuadas já regressavam à cidade.

— O perigo passou! — veio nos dizer um conhecido, e nós também voltamos.

Em casa tudo estava como tínhamos deixado. A mesa ainda estava posta. Só o relógio havia parado. Minha mãe imediatamente abriu as janelas. Do outro lado, uma mulher pendurava seus cobertores na sacada. Mais à frente, alguém sacudia os tapetes, como se nada tivesse acontecido.

Fui dar uma volta com o meu pai. O vizinho da casa ao lado estava no jardim. Assim que viu o meu pai, ele foi até o portão.

— O senhor os viu? — perguntou. — Isso não está para brincadeira, hein?

— Não — respondeu o meu pai. — Eu ainda não vi nada. Vamos dar uma olhada agora.

— A cidade está repleta deles — disse o vizinho.

— É natural — comentou o meu pai. — Breda tem uma guarnição militar, isso era de se esperar.

— Eu gostaria de saber — continuou o vizinho — quanto tempo eles vão ficar por aqui.

— Não muito, tenho certeza — afirmou o meu pai.

— E vocês? — perguntou o vizinho, aproximando-se um pouco. — O que pretendem fazer?

— Nós? Nós não vamos fazer nada. O que deveríamos fazer?

O vizinho deu de ombros e arrancou uma folha da sebe.

— Quando se ouve o que eles estão fazendo por lá...

— As coisas não vão chegar a esse ponto aqui — retrucou o meu pai.

Seguimos em frente. No fim da rua encontramos o senhor Van Dam.

— Ora, vejam! — exclamou. — Então já estamos todos de volta!

— Como pode ver — disse o meu pai —, todos são e salvos e novamente em casa. Já falou com muitos conhecidos?

— Claro — respondeu o senhor Van Dam —, com vários. Parece que o filho da família Meier viajou com uns amigos para a fronteira francesa.

— Ah, esses jovens gostam de uma aventura. Não posso culpá-los.

— Sua outra filha e seu filho não foram com vocês?

— Não, eles estão em Amsterdã. Estão em segurança lá.

— Por enquanto... — comentou o senhor Van Dam.

— Bem, nós vamos andando.

— O que o senhor Van Dam quis dizer com “por enquanto”? — perguntei ao meu pai enquanto prosseguíamos.

— Eu acho que ele vê as coisas de forma pessimista.

— Como o homem da casa ao lado.

Meu pai franziu a testa.

— Ainda não se pode dizer nada sobre o assunto, temos que esperar.

— O senhor acha que eles fariam com a gente o mesmo que fizeram com...

Eu não terminei a frase. Estava pensando nas histórias terríveis que tinha ouvido nos últimos anos. Tudo sempre se passava tão longe!

— Isso nunca vai acontecer por aqui — declarou o meu pai. — Aqui é diferente.

No pequeno escritório da loja de confecções do senhor Haas, na rua Catharina, pairava um cheiro forte de tabaco. Vários membros da comunidade se encontravam lá, como se estivessem em reunião. O pequeno senhor Van Buren girava na cadeira de escritório, gesticulando violentamente. Sua voz era meio áspera. Quando entramos, ele falava sobre um serviço religioso especial que deveria ser celebrado.

— Eu estou de acordo — disse o meu pai.

— Será que rezar adianta? — questionou o filho do senhor Haas. Ninguém pareceu tê-lo ouvido, pois não houve resposta.

De repente, eu me arrependi por ter vindo com o meu pai. Percebi que tão cedo ele não poderia ir embora. Como não quis mais ficar na sala esfumada, fui para o corredor que dava para a loja. Não havia ninguém. Andei em volta dos balcões e das prateleiras cheias de peças de roupa. Quando era criança, eu brinquei muito aqui com os filhos do senhor Haas. Nós nos escondíamos atrás dos casacos e das caixas e nos enfeitávamos com fitas e retalhos de tecido do atelier, para brincar de fazer compras depois que a loja fechava. O mesmo cheiro seco e adocicado, característico de roupas novas, ainda pairava no ar. Perambulei pelos corredores estreitos até o ateliê e o armazém. Parecia domingo. Hoje ninguém viria fazer compras nem encomendar um casaco sob medida. Eu me sentei sobre uma pilha de caixas num canto para esperar. Estava muito escuro, pois, com as folhas externas das janelas fechadas, a única luz vinha do corredor. Havia um casaco pendurado na parede. Ainda estava alinhavado. Talvez nem viessem mais buscá-lo. Tirei-o do cabide e o vesti. Eu me olhei no espelho. O casaco ficava muito comprido.

— O que você está fazendo? — Era a voz do meu pai. Levei um susto, porque não o tinha visto chegar.

— Estou experimentando um casaco.

— Agora não é hora de pensar num casaco novo.

— Eu não quero esse casaco, de qualquer forma.

— Eu procurei você por toda parte. Vamos?

Tirei o casaco e o pendurei novamente no cabide. Lá fora, percebi que tinha ficado muito tempo no escuro. Precisei me adaptar à luz intensa do sol. Havia bastante movimento na rua. Muitos carros e motos estranhos circulavam. Um soldado perguntou para alguém que andava à nossa frente o caminho para a praça do mercado. Explicaram-lhe gesticulando muito. O soldado bateu um salto da bota no outro, prestou continência e seguiu na direção indicada. Soldados das tropas de ocupação passavam regularmente por nós. Caminhávamos normalmente entre eles.

— Está vendo? — comentou o meu pai quando estávamos quase em casa. — Eles não fazem nada com a gente. — E, ao passarmos pelo portão do vizinho, murmurou outra vez: — Eles não fazem nada com a gente.